kiriris

Historia da bahia

historiografia

- **1979 -** Organização de uma roça comunitária na Baixa da Catuaba, situada ao sul do Território indígena, na estrada que liga o povoado de Mirandela ao município de Ribeira do Pombal, caracterizada por forte incidência de ocupações de regionais.
- **1981 -** Demarcação da Terra Indígena Kiriri, com 12.320 ha.
- **1982** - Ocupação da Picos, localizada no núcleo Lagoa Grande, maior fazenda no interior do território kiriri, tida por posseiros e fazendeiros como baluarte na ocupação das terras indígenas. Seu pretenso proprietário, Artur Miranda, era apoiado por políticos da região e considerado pelos índios como o seu mais crucial inimigo.

- **1985** - Ocupação de uma fazenda de 700 ha. no núcleo Baixa da Cangalha.
- **1986 -** Os Kiriri interditam importante estrada de acesso de Mirandela ao povoado de Marcação, retirando todas as posses e roças de regionais ali localizadas.
- **1987** - A FUNAI indeniza e o INCRA reassenta 37 famílias de não-índios incidentes no território kiriri, nas fazendas Taboa e Serrinha, situadas no município de Quijingue.
- **1989** - 85% do território kiriri passa a compor o município de Banzaê, desmembrado de Ribeira do Pombal, em uma manobra política com o intento de "livrar" esse último município da presença indígena. Mirandela havia sido estrategicamente escolhida como sede do novo município. Todavia, mediante injunções na Assembléia Legislativa, em Salvador, os Kiriri conseguem obstar que a nova sede se situe nos limites da Terra Indígena.

K v

- **1989 -** Cerca de 50 famílias kiriri acampam nas cercanias de Mirandela, após terem suas moradias parcialmente destruídas por uma enchente. Mantêm-se permanentemente no local que se constituía, até 1995, em um núcleo de resistência e pressão frente aos não-índios então ocupantes de Mirandela.
- **1990** - A Terra Indígena Kiriri tem a sua demarcação administrativa homologada através do Decreto nº 98.828, de 15 de janeiro, sendo posteriormente realizada a regularização imobiliária - Reg. CI mat. 2969, livro 2m, f. 83, em 23 de março daquele mesmo ano.
- **1991** - A FUNAI indeniza algumas casas habitadas por não-índios em Mirandela e famílias kiriri as ocupam.
- **1995** - Os Kiriri ocupam Mirandela, retirando todos os não-índios ali incidentes.

- **1996** - Os Kiriri ocupam o povoado Gado Velhaco, situado a 2,5 Km de Mirandela.
- **1997** -Os não-indios desocupam o povoado Baixa da Cangalha.
- **1998** - Os Kiriri ocupam os povoados de Marcação, Araçá, Segredo e Pau Ferro, retirando as últimas famílias de não-índios residentes na Terra Indígena.

localização

- A Terra Indígena Kiriri localiza-se no norte do estado da Bahia, nos municípios de Banzaê (95%) e Quijingue (5%), em uma região de clima semi-árido, faixa de transição entre o agreste e a caatinga ("boca de caatinga"). O relevo da área é irregular, com ocorrência de morros tabulares e encostas entremeados por extensas planícies. Os cursos d´água são intermitentes em vista da baixa incidência pluviométrica anual. Observa-se uma acentuada devastação nativa, um processo acelerado de erosão provocado por mais de três séculos de exploração econômica. Mirandela, centro da Terra Indígena, situa-se a 24 Km a noroeste da cidade de Ribeira do Pombal, mais importante centro econômico da região.
- Os núcleos tradicionais de ocupação kiriri - Sacão, Baixa da Cangalha, Cantagalo, Lagoa Grande, Cacimba Seca - foram substituídos pelos povoados antes ocupados por regionais: Mirandela, Gado Velhaco, Marcação, Araçá, Pau Ferro, Segredo, Baixa do Camamu, Baixa da Cangalha ("Biombo").

Atividades produtivas

- Os Kiriri praticam, de modo geral, uma agricultura voltada para a subsistência, comercializando, de forma esporádica e em pequena quantidade, excedentes das suas roças de cultivos temporários - compostas basicamente de mandioca, feijão e milho - e algumas verduras cultivadas nas exíguas hortas, localizadas preferencialmente nos quintais das casas de moradia. Ao mercado também se destina, com certa periodicidade, o produto da coleta de frutos silvestres, como caju, umbu e pinha, além de, mais esporadicamente, um artesanato trabalhado em cerâmica e trançados. Supõe-se, com base em informações coletadas por Bandeira em fins da década de 1970, que historicamente este artesanato tenha chegado a alcançar um peso significativo na economia kiriri, constituindo-se ainda, por outro lado, em um dos fatores de diferenciação e de discriminação étnica. Nos últimos anos, fruto da intensificação do contato entre povos indígenas, os Kiriri passaram a produzir, embora em pequena expressão, colares e outros adereços semelhantes àqueles comercializados pelos Pataxó, em Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália.
- Os Kiriri dispõem atualmente de casas-de-farinha motorizadas, comunitárias, implantadas pela Funai, que progressivamente substituíram as manuais, de propriedade familiar.

- Nas roças kiriri, como nas de outros segmentos camponeses da região, é utilizado um instrumental tecnológico que inclui basicamente enxadas, enxadecos, tombador, arado, foice, entre outros. De modo geral, os índios não dispõem de insumos, tais como adubos artificiais ou agrotóxicos ("venenos"). No plantio, observam com freqüência a associação de cultivos e sua sucessão alternada, práticas tidas como adequadas às reduzidas extensões dos terrenos disponíveis para agricultura.

GRAFISMO

- A utilização de grafismos é uma parte importante no processo de produção dos artefatos indígenas e está muito presente na ornamentação corporal vista, sobretudo, nas reinvidicações de cunho político pela busca de seus direitos e reconhecimento. Tal diversidade de representações promove, contudo, uma diversidade também de interpretações, capazes de apontar para os possíveis contatos intertribais.
- de acordo com estas considerações, a arte gráfica Kiriri, deve, portanto, ser entendida em seu conjunto, onde estão presentes os desenhos, pinturas e gravuras que se imprimem na cultura material e na ornamentação do corpo, ao modo de indícios semânticos capazes de informar sobre operações estéticas identitárias, tal como têm sido notadas em outras sociedades indígenas. No entanto, embora os estudos da estética indígena sobre o foco da arte gráfica seja uma das mais estudadas, ainda não há um conhecimento destas pesquisas sobre os índios do Nordeste vistos sempre com certo desprezo Os atuais estudos da ornamentação indígena concentram-se, portanto, quase sempre na busca de relações com a cosmologia ou a “noção de pessoa”, o que tem sido o foco principalmente dos pesquisadores da arte indígena amazônica, diferenciando-se em muito da realidade que presenciamos onde o sentido estético é preponderante, transitando livre na criação artística Kiriri. Muito embora a antropologia da estética tenha contribuído com uma ótica mais centrada nas interpretações pessoais na arte índia, estas “inovações” ainda tendem a serem vistas como descaracterização e perda de “autenticidade”, principalmente pela sociedade nacional que busca nutrir a imagem folclorizada do índio, extático à dinâmica cultural.

- Entre as produções Kiriri, a cerâmica se apresenta de forma singela com uma decoração gráfica basicamente composta por motivos geométricos de linhas e pontos como observou Maria de Lourdes Bandeira (1987, p. 60). Na maioria das vezes, são as mulheres que se ocupam na sua produção, passando o conhecimento às crianças desde cedo. Conhecidas como “louceiras”, elas constroem as peças principalmente no verão, de forma manual e sem o auxílio de qualquer outro recurso, coletando o barro (buã) próximo às serras na distância média de 2h (meia légua) de 3 caminhada, partindo-se de Mirandela. Entre as técnicas cerâmicas utilizadas pelos Kiriri, está a da modelagem em rolinhos, porém também praticavam o acordelado, tempero, ungulado e o reaproveitamento de cacos moídos. a. Os objetos cerâmicos são de formas arredondadas, ovóides ou cônicas, lembrando por vezes as cuias ou cabaças, com a cor do barro, variando entre o ocre claro e o avermelhado (após a queima). Neste repertório surgem porrões, aribés, panelas, frigideiras e cuscuzeiros que, depois de modelados, secam ao sol por 24 horas, queimados em seguida em forno de lenha de baixa e variável temperatura que, somados ao amontoamento das peças no forno, facilitam a quebra e rachadura nas mesmas. Já o trançado é prática comum entre homens e mulheres, existindo anteriormente uma preferência entre sexos sobre a confecção dos objetos: os homens cuidavam da produção de caçuás, cestos e urupembas retangulares, e as mulheres, cuidavam dos abanadores e urupembas de forma circular. O material mais comum utilizado no trançado é o ouricuri (cocos coronata), porém utilizam ainda o caroá, sisal e cipó, trançando-os em forma de entrecruzado ou em ziguezague, cuja perfeição tem em vista o destino que lhe será dado

- No que diz respeito à indumentária, as peças mais conhecidas são o crenguexê (tanga), sutrumuxim (sutiã) e o cocar. Utilizam também algumas bolsas (bogó), colares, argolas e pulseiras que criam uma identificação tribal. Em alguns momentos, como na apresentação do toré, podem fazer uso de uma faixa de trançado presa à testa ou de uma espécie de “grinalda de samambaia” na cabeça. Sobre as armas utilizadas pelos Kiriri, há ainda muitas discussões sobre a questão da sua produção. Os grafismos presentes nas armas e objetos diferenciam-se à medida que geralmente são aplicados com ferro quente, gravados à maneira de linhas e pontos. Quando são pintados, nota-se a preferência pelo azul e vermelho, também utilizados nas lanças e, em menor escala, nos machados e facas de madeira, produzidos esporadicamente. Os Kiriri produziam também amuletos e fetiches com vários usos e diferentes materiais: presa de canganbá, chifre de boi, rabo de cavalo, dente de jacaré, usado nos pulsos ou pescoço, ao modo de colares e pulseiras. Hoje não têm uso freqüente ou não são facilmente percebidos entre os índios da comunidade. Eles decoram-se com colares e pulseiras de sementes (ouricuri, meirum, mucunã, jiquitirana, piriquiti), ossos e dentes (tatu, teiú, cobra, cachorro do mato, preá) ou penas (cardeal, sabiá, nambu, bem-te-vi, galinha). Na confecção dos adornos, utilizam o imbé (cordão) de ouricuri, nylon ou fio de algodão para distribuir as sementes ou ossos de acordo com uma “economia de materiais” que se reflete no valor final e na quantidade de peças produzidas

- Ultimamente, pode-se notar o aparecimento de colares com “estrelas” em madeira, nos quais se gravam o nome do proprietário ou a figura de outra estrela e que geralmente não são comercializados. Outros tipos de inscrições podem também ser utilizados, mas sem divergir do comumente visto
- Os Kiriri pintam-se em ocasiões de festas e celebrações, como na comemoração do Dia do Índio (19/04), da Festa da Reconquista de Mirandela (11/11) na Festa da 1ª Noite Indígena 5 (março) ou na Festa da Paixão (abril) e algumas vezes no Toré (realizado todas as noites de sábado). O material geralmente utilizado é o sumo do jenipapo misturado, por vezes, com carvão triturado ao modo de carga, compondo uma tinta que conserva os traços por sete dias ou mais. Todos na comunidade podem ser pintados: homem, mulher, velho ou criança, com o grafismo desejado ou “inventado”. Segundo o professor Onalvo Kiriri, ele “depende da criatividade de cada um”, não se constituindo claramente em códigos visuais embora se notem semelhanças entre algumas representações. Os elementos mais comuns seguem, a exemplo das cerâmicas, os motivos de linhas e pontos, dispostos na face, pernas, braços, tornozelos, tórax e costas.

- Relatos antigos também nos informam que, além da pintura com jenipapo, havia a de urucum (Bucrenké), cujo uso freqüente se afirmava na prática dos ritos, tendo em si outras funções estéticas. Atualmente, na comunidade Kiriri, nem todos podem falar sobre os grafismos ou seus significados. O pajé tenta reter o conhecimento e a transmissão das informações através de uma hierarquia interna que geralmente im O Pajé se refere a dois elementos principais, denominados “bolinha” e “cruzeirinho”. O primeiro aparece freqüentemente na ornamentação das cerâmicas, e o segundo está relacionado ao “trabalho” (rituais) feito por ele, e como um modo de defesa e proteção, quando se apresentam pintados para reivindicações junto à sociedade envolvente. O motivo de “estrelas”, raros na pintura corporal, são, de acordo com a professora Kiriri América, “símbolos sagrados” que remetem aos antepassados.pede a exposição de opiniões particulares

HIST´[RIA

- A origem do povo Kiriri antecede a chegada dos portugueses. Este povo ocupava vasto território do nordeste brasileiro, indo do litoral norte da Bahia até as margens dos rios Itapicuru e São Francisco, passando, também, pelo sertão baiano, sul do Piauí, Ceará e oeste de Sergipe. Composto historicamente de diversos grupos nômades, este povo foi perseguido pelos capitães do mato e coronéis (senhores poderosos na história do Brasil), o que levou a divisão em vários grupos menores, que sofriam com os conflitos e as doenças causadas pelo contato com o povo não índio. Então, os jesuítas resolveram fazer uma segunda tentativa de contato com o povo Kiriri na esperança de catequizá-los. Mais uma vez, houve fracasso da ex pedição. Mas aos poucos, depois de negociações e mediações os jesuítas conseguem catequizar o povo Kiriri, apagando parte de sua cultura.

- Pode-se retomar a história dessa localidade a partir de 8 de maio de 1758, quando uma carta assinada pelo Conde Marco de Noronha e Brito, parente próximo do Marquês de Pombal, extingue todos os aldeamentos e funda a Vila de Canabrava de Santa Tereza de Jesus dos Kiriri, que mais tarde seria denominada Vila de Pombal, que e posteriormente em 1943, pelo decreto de Lei Número 143 passaria a ser a cidade de Ribeira do Pombal. Estabeleceu-se então quatro núcleos de missões jesuítas na região dos Kiriri: • Missão do Senhor de Ascenção dos Kiriri Mirandela (Em Saco dos Morcegos, território Mirandela) • Missão Santa Tereza de Jesus dos Kiriri (Em Canabrava, atual cidade de Ribeira do Pombal) • Missão da Nossa Senhora das Brotas de Natubá (atual cidade de Nova Soure) • Missão de Nossa Senhora da Conceição do Jeru (Em Tomé de Jeru no estado de Sergipe) Com a expulsão dos jesuítas em meados do século XVII essas aldeias foram transformadas em vilas, fato que para os Kiriri significava o começo de um novo tipo de vida Na época da escassez dos alimentos, devido a seca prolongada na região dos Kiriri, os anciãos foram chamados para Jeremoabo, iludidos pelo Barão de Jeremoabo que dizia ter muitas abóboras e caças à vontade para eles. Nesta ocasião muitos índios foram presos em currais e degolados pelos coronéis devido ao conflito de terras. Muitos Kiriri já tinham saído do seu território para outras regiões, outros foram se esconder em tocas no alto das serras. Durante este corre-corre passa pela região um coronel chamado Juscelino, que vendo a briga dos índios, capturou alguns e os levou para Salvador. Durante o trajeto muitos índios morreram, outros conseguiram fugir para as matas e poucos seguiram para Salvador com o coronel.

- Com a concentração dos índios nos arredores de Canabrava (região de Pombal), o Marquês de Pombal junto com os demais coronéis organizaram um ataque, não só para os de Canabrava, mas também para os outros índios que viviam nesta região, entre eles os Kiriri. Os coronéis fizeram uma festa e embebedaram todos os índios com vinho e, quando todos estavam embriagados, atiraram fogo em um canavial e jogaram os índios dentro, os que conseguiram fugir foram parar em Nova Soure e no Saco dos Morcegos, se juntando com os demais índios: Tapuia, os Guaranis e os Tupinambás. Depois do massacre dos Canabrava surge outro em Nova Soure, mas lá os índios resistiram mais, puderam mostrar diferentes tipos de batalhas, foi quando os coronéis encontraram a união e forma de organização deste povo. ara cada hectare, eles prometeram que dariam uma cabeça de gado e o índio pensando que era o animal todo concordou, porém, foram enganados, pois era só a cabeça do animal. Quando os índios perceberam, não podiam voltar atrás e acabaram perdendo o único espaço de sobrevivência, para os coronéis. A expansão das frentes de pastoreio no sertão nordestino resultou na perda de boa parte dos costumes e tradições dos Kiriri, dança do cururu, casamentos tradicionais, a perda do seu idioma original (Kipeá Kiriri). Algumas tradições resistiram: a zabumba e as suas organizações tribais.

Idioma Indígena Kiriri

- O idioma se desdobrava em 4 dialetos: **Kipeá, Dzubucuá, Camuru, Sabujá.**
  No Livro "Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil", de Capistrano de Abreu, descreve os kiriris como valentes e de terrível resistência, talvez o de mais persistência que os portugueses encontraram, para doma-los foi preciso que os atacassem de várias frentes, até bandeirantes paulistas tiveram que combatê-los.
  Mas o maior combatente desses índios foi o poderoso sesmeiro Garcia d'Ávila da Casa da Torre que se apossou de um grande território, englobando as terras indígenas e provocando vários conflitos, como a "Confederação dos Cariris" , liquidada pelos colonizadores com brutal energia e falta de piedade humana. Manuel Correia de Andrade cita "(...) Após a expulsão dos holandeses os pernambucanos tiveram de destruir o Quilombo dos Palmares e liquidar a chamada Confederação dos Cariris."
- É importante destacar que uma das maiores perda para os Kiriri foi "Guerra de Canudos", onde perderam os Pajes, ficando assim fragilizados para luta, porem continuaram a ser organizar e retornar o Territorio. O idioma se desdobrava em 4 dialetos: **Kipeá, Dzubucuá, Camuru, Sabujá.**

BREVE HISTÓRIA

- Os índios Kiriri (“calado” em Tupi antigo e “naturallement timides”, segundo Martin de Nantes) descendem da grande família Kariri (Cariri) que habitava a região do nordeste brasileiro, desde o interior do Piauí até o norte da Bahia, os quais Fernão Cardim, em 1584, considerou como um grupo “de língua diferente”, mais tarde identificando-se quatro dialetos que evidenciam sua complexidade cultural. Destes apenas o Dzubukuá e o Kipeá, forma mais amplamente divulgada através das publicações do Catecismo Kiriri (1709) do Padre Bernardo de Nantes, e do Catecismo da Doutrina Cristã na Língua Brasílica da Nação Kiriri (1698) e Arte de Grammatica da Língua Brasílica da Naçam Kiriri (1699), ambos do Padre Mamiani. Contudo, atualmente, os Kiriri não dispõem de uma língua própria, atribuindo este fato à morte dos últimos pajés na guerra de Canudos, que levaram consigo também o conhecimento dos rituais antigos. O idioma se desdobrava em 4 dialetos: **Kipeá, Dzubucuá, Camuru, Sabujá.**

Frase

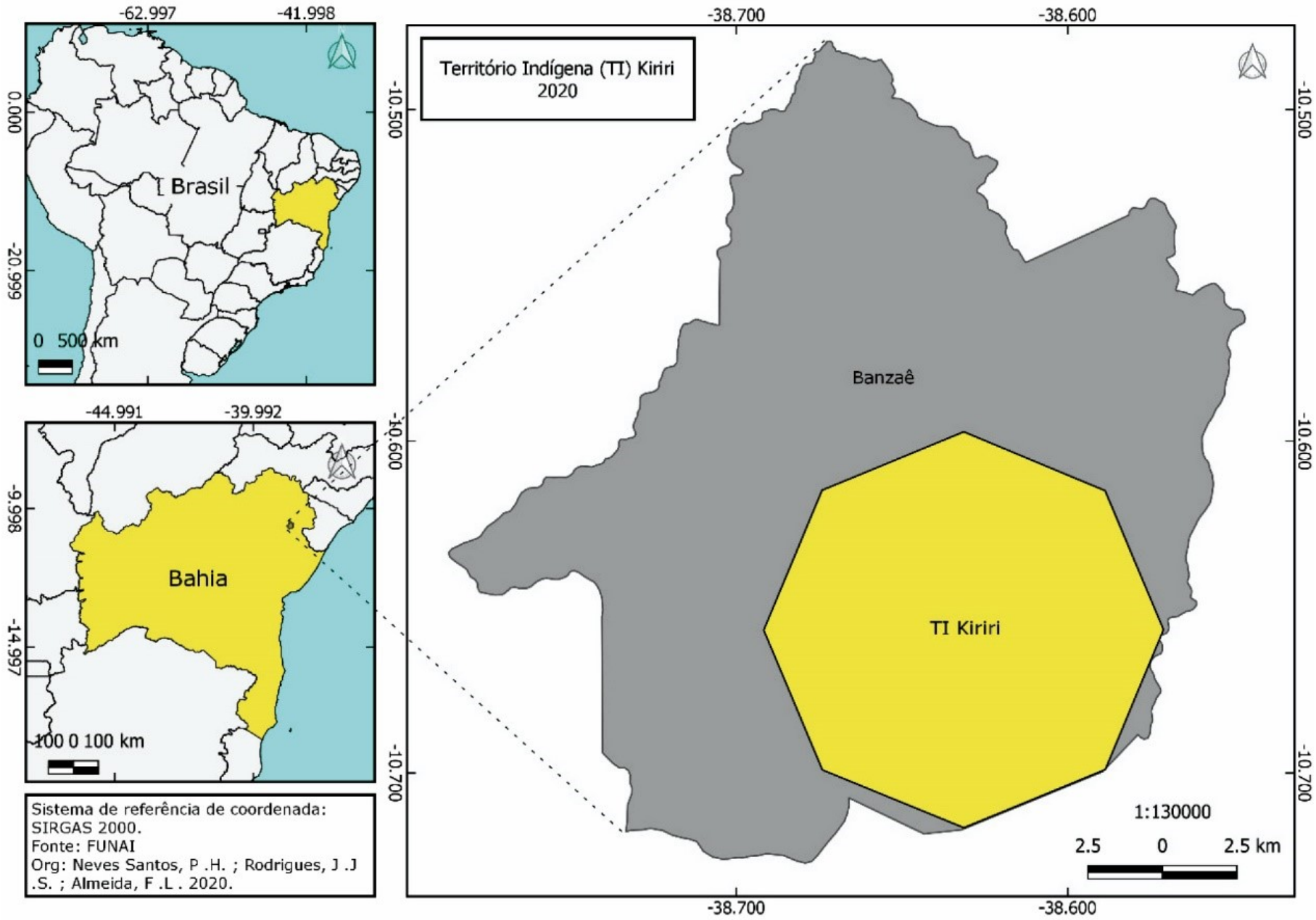
- : “Só depois que a ultima arvore tenha sido cortada, só depois que o ultimo rio tenha sido envenenado, só depois que o ultimo peixe tenha sido pescado, somente então descobrirá que o dinheiro não se pode COMER”

TORÉ

- O Toré é geralmente realizado aos sábados à noite - com uma interrupção apenas nos períodos da quaresma - em amplos terreiros junto aos quais há sempre algum recinto fechado, onde se deposita o pote com a "jurema" e se desdobram as sequências privadas do ritual. A cerimônia tem início com a concentração de pessoas nas imediações do terreiro e no recinto fechado onde principia a defumação que, em seguida, se estenderá ao terreiro, através de grandes cachimbos de madeira de formato cônico, com desenhos em relevo. Inicia-se também aí a ingestão da "jurema", que se intensificará durante a dança, distribuída sempre pelo conselheiro local ou por outra figura de relevo na hierarquia ritual e política. Passando-se ao terreiro, prosseguem os trabalhos de "limpeza", comandados pelo pajé, quando então, através do uso de apitos, os "encantados" são convidados a participar. Começam os cantos e as danças, inicialmente em fila indiana, com o pajé à frente, seguido pelos homens, mulheres e crianças, nesta ordem. A fila serpenteia pelo terreiro em movimentos progressivamente elaborados à medida que os toantes se sucedem, intensificando o envolvimento dos participantes, até o clímax que sobrevém com a "chegada" dos "encantos", perceptível nos evidentes sinais de incorporação apresentados...
- O Toré entre os povos indígenas KIRIRI acontece todos os sábados, das 7:30 até 4 da manhã, o ano todo, sendo que na quaresma é dado uma pausa onde naquele período não acontece o TORÉ.
- A Dança Toré para outros, pode ser entendida como uma diversão entre os índios kiriri porem o Toré é muitos mais que isso, é um ritual sagrado, bem como uma proteção divina do DEUS TUPÃ a alta proteção para os povos indígenas kiriri, é como os povos brancos ir à igreja todos os sábados ou domingos.
- As músicas cantadas, TEM UM SIGNIFICADO, porem os índios Kiriri na RETOMADA A MIRANDELA, (sua terras) decidiram usar O dialeto (KIRIRI) nas suas canções, uma forma de manter suas tradições secretas, o que os imuniza de uma interferências no futuro dos que os desejam fazer das suas tradições algo pejorativo ou ATÉ MESMO O MAU usado suas crenças e tradições indígenas.
-
-

Artesanato indígena kiriri

Akā



Sistema de referência de coordenada:
SIRGAS 2000.
Fonte: FUNAI
Org: Neves Santos, P .H. ; Rodrigues, J .J .S. ; Almeida, F .L . 2020.

dancas

- https://youtu.be/VAhmcMbC6NU?si=OlvA3p-bv3mdhJSP

CULINARIA

grafismo

fotos

resistencia

- Os **Kiriri** são um povo indígena brasileiro que habita o Nordeste do estado da Bahia, especialmente nas áreas de Banzaê e Quijingue, na Terra Indígena Kiriri. Eles são conhecidos por sua resistência e luta por direitos territoriais, tendo conquistado a demarcação de suas terras em 1981 e a regularização em 1990. A língua nativa dos Kiriri é a quipeá, que faz parte da família cariri, e eles têm uma rica herança cultural que inclui rituais e tradições que refletem sua identidade e resistência.

MÚSICAS

- Kiriri do Acré | Spotify
- Pisada Bonita Só Tem Caboclo • Kiriri do Acré